

Casa do Lago exhibe curtas de propaganda e longas de ficção produzidos por anarquistas em 1936 e 1937

Mostra traz o cinema anarquista feito no decorrer da guerra civil espanhola

A PROGRAMAÇÃO

A mostra "Cinema Anarquista durante a Guerra Civil Espanhola" terá sessões diárias às 14h, 16h30 e 19h. A programação foi preparada para exigir, dentro do possível, um filme curta e um filme de longa metragem em um mesmo dia, em horários alternativos, permitindo ao público adequar seu horário pessoal com as exhibições.

Dia 5 de junho

■ *Aragon trabaja y lucha* (16', 1936)

Direção: Manuel P. de Somacarrera. Filme documental sobre a vida de vilas na região de Aragon ocupada pelas forças anarco-sindicalistas procedentes da Catalunha. Mostra escaramuças na frente de batalha e atividades libertárias da retaguarda.

■ *Aurora de esperanza* (60', 1937)

Produção: Antonio Sal. Barcelona, 1935. Filme de ficção no qual Juan é um modesto trabalhador que, ao voltar com sua família de suas férias, encontra sua fábrica fechada e todos os operários despedidos. Para evitar a fome e a miséria envia sua família para uma vila e começa a procurar trabalho, iniciando aí uma tomada de consciência junto com outros trabalhadores.

Dia 6 de junho

■ *Em la brecha* (18', 1937)

Direção: Ramón Quadreny. Um dia na vida de um operário militante da Confederação Nacional do Trabalho (CNT) e os ideais que este sindicato manteve sobre a organização da produção em uma sociedade revolucionária.

■ *Barrios bajos* (94', 1937)

Direção: Pedro Puche. Um jovem advogado, que somente defende os direitos dos trabalhadores, surpreende sua mulher com outro homem e mata o amante a tiro. Foge e se esconde em um bordel onde vive um amigo, um estivador chamado "El Valencia", que o acolhe e o protege não somente da polícia, mas também das circunstâncias do lugar. A película é inspirada em um realismo poético, com marca da solidariedade e da amizade.

Dia 7 de junho

■ *La silla vacía* (18', 1937)

Direção: Valentiín R. González. Mistura de filme documental com ficção. Mostra a história de um jovem sentando na varanda de um café que, comovido ao ver mutilados de guerra, se alista nas milícias que lutam na frente de batalha de Aragón.

■ *Nuestro cuplable* (87', 1937)

Direção: Fernando Mignoni. Comédia delirante com números musicais e que ironiza as relações entre a justiça e a sociedade burguesa. Um simpático ladrão, "El Randa", entra na mansão de um banqueiro e é descoberto pela amante do proprietário. Então, cada um resolve partir com seu botim, mas El Randa organiza uma festa em seu bairro e é preso pela polícia. O filme questiona o poder e a autoridade, denuncia a ganância capitalista e ridiculariza a justiça burguesa.

Dia 8 de junho

■ *Carne de fieras* (68', 1936)

A montagem desse filme não foi finalizada no período. Ele foi recuperado pelo cineasta e restaurador Ferrán Alberich para a Filmoteca de Zaragoza, mantendo-se o roteiro original. Um filme raro do cinema de ficção, com momentos de grande lirismo, que propõe rupturas de valores, tabus e convenções. A trágica investigação sobre a história posterior dos participantes dessa película introduz um elemento dramático da vida real na narrativa ficcional. Talvez seja a mais importante produção do período. O diretor original, Armand Guerra, havia fundado em Paris, em 1913, a cooperativa *Cinéma du Peuple* e também realizado um filme sobre a Comuna de Paris.

O filme começa com um menino de rua que cai no lago de um parque e é salvo por um boxeador, que leva o pequeno para recuperar-se em sua casa, onde vive uma crise matrimonial. Uma jovem havia atentado o boxeador para o menino se afogando. Assistindo ao espetáculo de um circo, o homem tem seu olhar atraído para uma linda jovem que passeia nua entre os leões. É mesmo jovem do parque. Ao vê-la desmaiada perante os leões, aguçase ainda mais seu ímpeto de aproximá-la com o objeto do desejo.

Dia 9 de junho

■ *Barcelona trabaja para el frente* (23', 1936)

Direção: Mateo Santos. Documentário sobre as atividades do Comitê Central de Abastos e os



A barricada de cavalos, foto de Agustí Centelles Osso

O tesouro de Centelles

Paralelamente à mostra de cinema, a Casa do Lago abriga de 5 a 29 de junho a exposição fotográfica "A Guerra Civil Espanhola nas fotografias de Agustí Centelles Osso", organizada por Fernando de Tacca e Enric Llagostera. O fotógrafo Centelles Osso retratou Barcelona no período republicano anterior à guerra civil e os conflitos desde os primeiros dias. Sua documentação apresenta uma visão a partir das barricadas republicanas e o desenrolar da guerra incluindo cenas dos campos de concentração e a destruição pelos bombardeios aéreos contra alvos da população civil. A exposição reflete a visão de um fotógrafo comprometido com a causa republicana.

No início de 1976, Centelles cruzou a fronteira com a França e recuperou algumas caixas de madeira suas que estavam guardadas na casa de uma família de camponeses amiga. Dentro delas, cuidadosamente embalados, havia mais de quatro mil negativos fotográficos, correspondentes a parte de sua produção como foto-jornalista independente durante os períodos da Segunda República espanhola, da Guerra Civil e dos anos de exílio na França.

A história desse tesouro começa em fevereiro de

1939, quando ele se desloca levando os arquivos fotográficos do exército republicano do Leste para a França. Embala esse material junto com sua produção fotográfica particular e o guarda em uma grande mala de couro. A viagem até a fronteira é feita por carro ou trem, mas Centelles cruza a fronteira à noite carregando a mala nas costas através dos Pirineus nevados.

O fotógrafo é levado primeiramente para o campo de concentração de Argêles e depois para Bram. Consegue, com a ajuda de outros refugiados, proteger sua mala de couro de roubos, de curiosos e de confiscos. Sua carteira internacional de jornalista o ajuda a manter seu tesouro a salvo dos guardas franceses. Libertado, Centelles vai trabalhar em um estúdio próximo ao campo e envolve-se com a resistência francesa local.

Em 1944, depois de um cerco da Gestapo, o fotógrafo organiza os negativos novamente e os deixa sob custódia da família de camponeses em Carcassonne. Regressa para a Espanha na clandestinidade, mas depois de dois anos entrega-se às autoridades. Em 1946 tem sua carteira de jornalista cassada, dedicando-se pelos próximos trinta anos à fotografia industrial e publicitária, até o fim do regime franquista.

Nesse ano completa-se 70 anos do início da Guerra Civil Espanhola. De 5 a 14 de junho será exibida na Casa do Lago a mostra de curtas e longas-metragens "Cinema Anarquista durante a Guerra Civil Espanhola", promovida pelo Departamento de Multimeios, Mídia e Comunicação do Instituto de Artes (IA) da Unicamp. Paralelamente, entre os dias 5 e 29, ficará aberta a exposição fotográfica "A Guerra Civil Espanhola nas Fotografias de Agustí Centelles Osso". A programação inclui uma mesa-redonda sobre "Anarquismo, cinema e política", às 20h30 do dia 8, com os professores Edson Passeti (Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC), Margareth Rago (IFCH/Unicamp) e Adilson José Ruiz (IA/Unicamp), coordenada por Fernando de Tacca (IA/Unicamp).

Evento inclui exposição fotográfica de Centelles Osso sobre conflito

O professor Fernando de Tacca, que tentava trazer esta mostra de cinema para a Unicamp havia um ano e meio, lembra que a sublevação militar fascista contra a república na Espanha eclodiu nos dias 19 e 20 de julho de 1936.

O conflito abriria um campo fecundo da disputa ideológica dentro da esquerda, no qual o anarquismo ganhou maior visibilidade como proposta de uma sociedade libertária e igualitária. Com uma estrutura popular e participativa, o anarquismo dominou as cidades de Barcelona e Aragón, locais paradigmáticos onde os filmes foram produzidos.

Essa mostra teve curadoria realizada para o Festival de Huesca por Ángel-Santos Garcéz. Segundo o curador, a escolha se deu sobre um grupo de películas praticamente desconhecidas fora da Espanha, realizadas pela Confederação Nacional do Trabalho (CNT), de tendência anarquista, na retaguarda das frentes de batalhas durante a Guerra Civil Espanhola. São curtas-metragens de propaganda e longas de ficção, produzidas pelo Sindicato Único de Espectáculos filiado à CNT – Confederação Nacional dos Trabalhadores, que entre os anos de 1936 e 1937 realizou mais de uma centena de filmes.

Os curtas-metragens são, em geral, de natureza propagandística de cunho didático e mostram as mudanças realizadas na organização social dentro das zonas sob controle das forças republicanas com tendência anarquista, onde as fábricas, e também a própria indústria do cinema, foram coletivizadas e funcionavam como centros sociais, educativos e espaços do debate político. Cenas da frente de batalha são mostradas na sua dura frieza do combate, mas são construções sobre uma luta contra o fascismo e pela liberdade de projeção utópica de uma sociedade socialista idealizada.

Os filmes de longa metragem, entretanto, são produções simbólicas na exploração da narrativa ficcional e utilizam de vários gêneros tradicionais como o melodrama, a comédia, e o musical, mas com um olhar particular, em busca da afirmação do princípio libertário. Essas narrativas não buscam julgamentos de valores morais sobre a conduta de seus personagens: estivadores, prostitutas, artistas de rua e inclusive ladrões – um campo estereotipado de pertencimento ao conceito de popular, como ressalta Ángel-Santos Garcéz – são observados sempre com franqueza e simpatia, sem serem julgados sob nenhum ponto de vista. Assim, há um contraponto com a estética do cinema do realismo socialista e o conceito de povo é construído sem exaltação. "Podemos perceber simbolicamente os valores que o anarquismo queria modificar como a noção de família, de amor, de respeito mútuo e de solidariedade, ou seja, as instituições conservadoras são questionadas no cotidiano das ruas e na intimidade das relações afetivas", afirma Fernando de Tacca.

trabalhos de preparação de provisões em Barcelona, e também sobre a Frente de Aragón durante os primeiros meses da guerra.

■ *Nosotros somos así!* (31', 1936)

Direção: Valentiín R. González. Insólita comédia musical protagonizada por crianças, declamada em versos. As crianças refletem os valores adultos, enfrentam a autoridade e organizam sua própria assembleia política.

■ *El frente y la retaguarda* (22', 1937)

Direção: Joaquín Giner. Filme de propaganda que mistura imagens documentais de produção industrial e agrária com cenas de ficção na frente de batalha de Aragón.

■ *La última* (15', 1937)

Direção: Pedro Puche. No começo do filme é anunciado como uma "abordagem jocosa-séria" dos problemas causados pelo excesso de consumo de álcool, mostrando-os com humor e de forma didática.

Dia 12 de junho

■ *Otro futuro* (160', 1989) – Sessões às 14h e 19h

Direção: Richard Post. A partir de imagens de arquivos e de depoimentos de sobreviventes da Guerra Civil Espanhola, emerge um fascinante documentário sobre a aventura libertária na Espanha. O filme explora a experiência de autogestão dos anarquistas e mostra as diferenças

com o comunismo ortodoxo e com os valores do franquismo: abolição do dinheiro propiciando troca de mercadorias e serviços, aborto livre e gratuito dentro do processo de libertação das mulheres, educação laica, etc.

REAPRESENTAÇÕES

Dia 13 de junho

■ *Carne de fieras* e *Aurora de esperanza* – 14h e 16h30

■ *Otro futuro* – 19 horas

Dia 14 de junho

■ *Nuestro cuplable* e *La silla vacía* – 14h e 16h30